

A criança generalizada e a máquina de escrever singularidades¹

Rocio Fabiane T. Arrua

Resumo

Mais do que nunca, constatamos uma propensão aos diagnósticos de transtornos e déficits em crianças. Orientado pelos princípios da psicanálise lacaniana, que opera a partir da escuta e da fala, este artigo propõe uma discussão sobre o trabalho do analista com esses sujeitos, na contramão dessas recorrentes nomeações e identificações. Embora historicamente exista uma tendência, quando se trata de análise com crianças, em pedagogizar e terapeutizar o sujeito, propomos um deslocamento dessa perspectiva. A criança, sujeito da infância, experimenta travessias fundamentais nesse tempo, desde a apropriação da língua e do discurso da linguagem na cultura até a trama que se faz registrar entre Imaginário, Simbólico e Real. É esse mesmo sujeito, apesar dos imperativos, que resiste e denuncia a imaginarização e a busca de sentido sobre seus corpos e funcionamento, fazendo o corte na sideração dos discursos.

Palavras-chave:

Psicanálise; Crianças; Sujeito da infância.

The generalized child and the typewriter of singularities

Abstract

More than ever, we observe a growing tendency to diagnose disorders and deficits in children. Guided by the principles of Lacanian psychoanalysis—which operates through listening and speech—this article proposes a discussion on the analyst's work with these subjects, going against the grain of such recurrent labels and identifications. Although there is a historical tendency, especially in the context of child analysis, to pedagogize and therapize the subject, we propose a shift in this perspective. The child—as the subject of childhood—undergoes fun-

1 Uma versão condensada deste trabalho foi apresentada na Jornada do Fórum do Campo Lacaniano de Mato Grosso do Sul (FCL-MS), cujo tema foi "A clínica lacaniana com crianças na era dos diagnósticos", realizada em Campo Grande (MS) em agosto de 2024.

damental transitions during this period, from the appropriation of language and entry into the discourse of culture, to the structuring that takes place through the interplay of the Imaginary, the Symbolic, and the Real. It is this very subject who, despite prevailing imperatives, resists and denounces the processes of imaginization and the search for meaning imposed upon their bodies and functioning, producing a rupture in the sideration brought about by such discourses.

Keywords:

Psychoanalysis; Children; Subject of childhood.

El niño generalizado y la máquina de escribir singularidades

Resumen

Más que nunca, constatamos una propensión a los diagnósticos de trastornos y déficits en los niños. Orientado por los principios del psicoanálisis lacaniano, que opera a partir de la escucha y del habla, este artículo propone una discusión sobre el trabajo del analista con estos sujetos, en contra de estas recurrentes nominaciones e identificaciones. Aunque históricamente exista una tendencia, cuando se trata del análisis con niños, a pedagogizar y terapeutizar al sujeto, proponemos un desplazamiento de esta perspectiva. El niño, sujeto de la infancia, experimenta travesías fundamentales en este tiempo, desde la apropiación de la lengua y del discurso de la lengua en la cultura, y de la trama que se registra entre lo Imaginario, lo Simbólico y lo Real. Es este mismo sujeto, a pesar de los imperativos, el que resiste y denuncia la imaginarización y la búsqueda de sentido sobre sus cuerpos y funcionamiento, haciendo el corte en la fijación de los discursos.

Palabras clave:

Psicoanálisis; Niños; Sujeto de la infancia.

L'enfant généralisé et la machine à écrire des singularités

Résumé

Plus que jamais nous constatons la propension au diagnostic des troubles et déficits chez les enfants. Cet exposé se propose d'aller en contre-courant de ces nominations et des identifications concernant ces sujets, a partir d'un travail de l'analyste avec les enfants, le premier étant orienté par les principes de la psychanalyse lacanienne, qui opère à partir de l'écoute et de la parole. Cela malgré le fait

qu'historiquement la psychanalyse avec les enfants puisse évoquer la tendance à pédagogiser et thérapeutiser le sujet. L'enfant, en étant le sujet de l'enfance, est celui qui devra faire avec les traversées imprescindibles dans le temps : à commencer par l'appropriation de la langue et du discours du langage dans la culture, en passant par la trame qui l'enregistre dans l'Imaginaire, le Symbolique et le Réel. C'est ce même sujet qui, malgré les impératifs normatifs, résiste et dénonce les tentatives d'imaginarisation et de quête de sens imposées à son corps et à ses fonctionnements, et qui finit par opérer une coupure dans la sidération des discours.

Mots-clés :

Psychanalyse ; Enfants ; Sujet de l'enfance.

No consultório, pequenas ruínas de uma antiga civilização chamada infância. Entre muitos objetos, algumas caixas com cacarecos, brinquedos inteiros e outros nem tanto, bonecas Barbie de cabelos cortados, desenhos abandonados, sobras de sessões, restos das investigações, intervenções e montagens das crianças. Há também uma velha máquina de escrever, presa na mística da criança eterna; eu a nomeei Bambina O.² Envelheceu; no entanto, segue fazendo peraltagens com palavras escritas. Bambina O. foi um presente ganhado de alguém que soubera que eu, quando criança, tinha uma dessas. Foi um presente paterno: da língua do pai, do país e das letras que compõem a minha criança estrangeira. Lá escrevia em meu próprio idioma. Decidi, então, que a velha máquina ficaria na prateleira do consultório, exposta como objeto decorativo.

Como de costume, permito que as crianças fiquem à vontade para percorrer a sala. Vagam por ela, procurando com os olhos e mãos objetos que possam interessar; passam os dedos nas superfícies, regam as plantas, empoleiram no sofá, abrem caixas e o baú de brinquedos. Foi assim, de forma despreziosa, que a velharia do século XX, pequenina e vermelha como pimenta, Bambina O., encontrou-se com crianças do século XXI. Do encontro pululam perguntas: "Uau! O que é isso?", "Posso pegar?", "É uma máquina?", "Máquina do quê?", "Essa máquina escreve qualquer coisa?", "Escreve histórias?". Respondo que sim, que se pode escrever o que quiser, desde que seja você quem escreva, e que é necessário apertar forte as teclas, fazendo o som "tac-tac-tac", com as letras se unindo e as palavras

2 A Olivetti Bambina foi uma máquina de escrever lançada pela renomada marca Olivetti no final da década de 1980, especialmente voltada para o público infantil. Com o *slogan* "a máquina de escrever igualzinha à do papai", tratava-se de um equipamento totalmente funcional e operacional, desenvolvido para que as crianças pudessem ter uma experiência real de escrita, semelhante à dos adultos.

saindo escritas no papel. As questões seguem: “E cadê o fio para colocar na tomada?”, “E se ela descarregar?”, “Não tem bateria?”, “Mas onde apaga?”, “Cadê o ar-roba?”. Em meio ao acaso, mas com os olhos arregalados pela descontinuidade do espanto, as crianças lidam com o “tempo das primeiras vezes” (Soler, 2012/2018, p. 45) e hiatos incessantes que marcam suas experiências cotidianas.

Para os surrealistas, a poesia pode ser definida como o “encontro inesperado entre uma máquina de costura e um guarda-chuva sobre uma mesa de operações”, frase atribuída ao poeta conde de Lautréamont. A beleza, portanto, reside nesse encontro fortuito e sem sentido, a faísca luminosa que caracteriza a criação poética. De maneira semelhante, ocorre o encontro entre as crianças que habitam um mundo tecnológico — imersas em um tempo marcado pela velocidade, jogos hiper-realistas, sideração das luzes e imagens — e a velha máquina analógica, verdadeiramente *touch*, esperando compor palavras. O que surgirá desse encontro? O que é possível do encontro entre o analista e os sujeitos infantis? Considerando a velharia artesanal insubstituível com a qual opera a psicanálise, a fala e a escuta, não há manuais na psicanálise, nem DSM para o real: escuta-se uma criança. Não há eletroencefalogramas, tomografias, escalas, testes, *scores*, receitas e medicalização das diferenças. Abrir as portas do consultório às crianças é um convite para que falem em primeira pessoa, com a radical condição de que haverá alguém no lugar de analista.

A escuta, como lugar e função, exige uma ética que permita suportar a experiência humana no tempo da infância. Não se trata de um sujeito que se desenvolve, embora esteja sob a incidência cronológica e biológica da maturação. A função do analista vai além de ser um mero objeto que provoca a fala; ela se estende, principalmente, à capacidade de abrir-se à escuta. As contribuições de Rosine Lefort (1983-1988/1991) têm orientado minha prática da psicanálise com crianças. A ideia de que “a criança é um analisante de pleno direito” (Lefort, 1983-1988/1991, p. 13) expressa que esse sujeito tem uma relação única com o inconsciente, o saber, a verdade e o gozo, sendo reconhecido em sua singularidade no processo analítico. Isso implica um desejo de analista que sustente a radicalidade da clínica psicanalítica — a mesma que se aplica ao adulto —, orientada eticamente pelo princípio de que aquele que sabe é o analisante.

Fecha-se a possibilidade da escuta quando se supõe que a criança não sabe, não entende ou não conhece o que vive. Nesse caso, ocupamos o lugar de mestres — aqueles que detêm e transmitem o saber —, desviando, assim, o dispositivo analítico em direção à psicoterapia ou a práticas pedagógicas. Como alerta Saurer, são suposições como essas, de que crianças como analisantes desconhecem a cultura, o mal-estar e seu sintoma, que fomentam o entendimento, muitas vezes repetido dentro do próprio campo da psicanálise, de que a “clínica com crianças é

uma espécie de subspsicanálise ou clínica sem ato” (Sauret, 1989/1998, pp. 60-61). Para Rosine e Robert Lefort, “não há especificidade na psicanálise de crianças. A estrutura, o significante e a relação com o Outro não concernem de maneira diferente à criança e ao adulto. É isto que faz a unidade da psicanálise” (Lefort, 1983-1988/1991, p. 13).

Crianças contam histórias sem pretensões generalizantes, não as universalizam. Falam sobre guerras, amores, tragédias e, principalmente, sobre descobertas — algumas aterrorizantes, outras de puro júbilo. No *Seminário 4*, Lacan firma que “o que Hans nos dá nem sempre é o que esperamos, longe disso. Ele traz coisas que surpreendem (...) Ele (Hans) traz coisas para além mesmo do que Freud pudesse prever” (Lacan, 1956-1957/1995, p. 311).

Parte do reconhecimento do saber presente na infância a reafirmação da importância de resistir de portas abertas a ouvir as crianças e o que elas dizem de sua relação com a experiência. Ouvi-las é reconhecer que sabem e podem dizer sobre suas vivências, condições e violações.

Em seu texto “Homenagem a Lewis Carroll”, Lacan aponta que:

Para evocar qualquer leitora viva a ter pela primeira vez deslizado nesse coração da terra que não abriga nenhuma caverna, para ali encontrar problemas tão precisos quanto este: que só se transpõe uma porta se for de seu tamanho, aprendendo com o coelho apressado efetivamente a medida da absoluta alteridade da preocupação do passante. Que esta Alice, digo, tenha certa exigência de rigor. Para resumir, que não estará disposta a aceitar que lhe anunciem a aritmética dizendo-lhe que não se somam alhos com bugalhos, pêras com alho-poró — lorota bem elaborada para impedir às crianças o simples manejo de todos os problemas sobre os quais sua inteligência vai ser questionada. (Lacan, 1966/2004, p. 8)

Ainda em referência à obra de Carroll, Lacan afirma que sua força de influência reside no fato de ela mobilizar a

(...) rede mais pura de nossa condição de ser: o simbólico, o imaginário e o real. Os três registros pelos quais introduzi um ensino — que não pretende inovar, mas restabelecer certo rigor na experiência da psicanálise — ei-lhe operando no estado puro suas relações mais simples. (Lacan, 1966/2004, p. 8)

Crianças não contam mitos, calculam, fazem lógica. São elas que enfrentam a violência desnaturalizante da linguagem, dos sulcos da palavra sobre o gozo. Os mais importantes acontecimentos de uma vida se dão nos tempos da infância: a

linguagem, o sexual e a morte. Acontecimentos que cada um se põe a dizer em sua língua, sobre o que se sabe e o que não se sabe, tecendo signos do encontro com o real. Onde se perde, nascem palavras; o que foi perdido se pariu. Separa-se, assim como todas as análises que caminham para a separação. Crianças são menos inocentes em relação ao real que os adultos; adultos recalcam, suturam pela via do conhecimento, saber e ciência. O saber é o que faz oposição ao rasgo; o saber do sentido sutura. Conforme Katz (2019), as crianças acessam os registros da experiência — o real, o simbólico e o imaginário — de maneiras distintas. As crianças passam a renomear a palavra gasta, renovam o já nomeado no lapso do esvaziamento da semântica; quem sabe podem escrever sobre a verdade de si.

Esta é uma discussão crucial no interior da teoria, da pesquisa e da clínica da psicanálise. É importante porque permite compreender que, na infância, a diferença de produção, acesso e relação ao saber não significa falta de saber, mas, ao contrário, é um modo de relação com a falta que acessa outros registros da experiência. Não é ingenuidade, como o senso comum faz crer. É efeito de uma abertura ao Real. Com isso, aprendemos que a psicanálise pode formular uma diferença fundamental entre o tempo da infância e a vida adulta, a partir dos modos de operar com os três registros da experiência referidos por Lacan: o Real, o Simbólico e o Imaginário. (Katz, 2021, p. 5)

O risco iminente de queda. Todo ser humano tem sua entrada no mundo marcada pela sustentação no braço do Outro, estando como objeto que pode cair a qualquer momento. Na apresentação do livro *O infantil & a estrutura*, de Sauret, Dominique Fingermann diz que “a psicanálise é uma boa maneira de deixar cair a criança” (Sauret, 1989/1998, p. 8). Alice cai no furo que rasga a materialidade bruta da terra, precipitando-se por um tempo indeterminado no buraco, chegando às estranhas entranhas subterrâneas. Ali, algumas passagens em forma de portas, para fazer caber na travessia sua insondável decisão; em um frasco, lê-se “beba-me” e, no pequeno bolo, “coma-me”. Para além do imperativo escrito, o sujeito é o único operador de sua escolha, de sua passagem viva ao mundo, do que não faz sentido, na lacuna em que se produz.

Não se tapam buracos enchendo-os de sentido, embora, como se sabe, na história da psicanálise — principalmente com crianças — muitos analistas tenham tentado, com ferocidade, saturar os furos, enfiando significações nas frestas, nas portas e nos portais, no furo da secção sexual. Sauret nos lembra algumas observações de Lacan, entre elas a denúncia dos próprios psicanalistas que não souberam impor a concepção de sujeito e, principalmente, terem-se feito cúmplices de

uma psicologização e mitologização dos indivíduos, compactuando com a que o campo social os submete (Sauret, 1989/1998, p. 61).

Entre as pioneiras que se dedicaram à clínica com crianças, destaco Rosine Lefort (1920-2007), cuja atuação retomo aqui a partir do emblemático caso do menino-lobo. Soler (2007) descreve Lefort como uma “aventureira do espírito”, expressão que traduz tanto o momento singular de sua própria análise quanto sua decisão corajosa de avançar rumo àquilo que resta como rebotalhos do discurso, munida apenas de seu desejo de analisar. Rosine Lefort e o menino Robert, considerado louco, compõem uma dança afinada pela ressonância desse desejo, sustentando um caminho para além da *folie à deux*, da loucura convocada à cena e ao estranhamento de reconhecer o *infans* humano na figura de Robert.

O *pas de deux* no balé clássico é um número tradicionalmente composto por quatro partes, executado por um par de dançarinos e com uma música que os conduz. Assim, também diz Rosine Lefort que a longa caminhada de tratamento e cura de Robert foi feita de várias fases, chegando, afinal, aonde se reúnem para concluir e separar. Rosine Lefort e Robert compõem o *pas de deux*, uma coreografia para a separação, separação essa que se propõe toda análise, inclusive as que se operam com crianças psicóticas.

Sobre esse caso, Quinet (2003) nos apresenta a perspectiva criacionista do significante, como criação *ex nihilo*, extensiva ao furo, uma hiância no real. Quando advém o significante lobo sob transferência, pode então ser trabalhado, isto é, a incorporação do significante por meio do tratamento analítico. Lacan (1953-1954/2009), sobre Robert, diz que o lobo é a fala reduzida a seu caroço, o estado nodal da fala a partir do qual o “eu” de Robert poderia tomar seu lugar e constituir-se.

De acordo com Soler, Rosine Lefort acredita que há um saber no real, afirmando que Robert tem um “vetor de organização”, e aposta em certa ordem e direção do tratamento e de um saber no real sustentado pela analista. Conduz a análise de Robert, retificando o lugar do Outro, de menino-lobo, ao deslocamento para Robert (Lefort, 1991 citada por Soler, 2007, p. 137). A analista o acompanha até a humanização, a pacificação da ferocidade destrutiva do superego. Do encontro com a analista, uma escritura nova.

A psicanálise e a infância generalizada

Sauret (1989/1998, p. 44) escreve que “a criança encontra na psicanálise um meio eficaz de lutar contra os efeitos nefastos do discurso que domina o campo social contemporâneo, esse misto de capitalismo e de ciência”; que, em relação ao Outro da ciência, nós somos todos objetos; e que Lacan designava com a expressão “infância generalizada”. Essa reflexão nos remete à questão política e ética que o trabalho com crianças envolve, às determinações sociopolíticas de nosso tempo e ao ponto nodal das produções e dos excessos sobre a criança.

Para Katz, o sujeito infantil

(...) é o significante que conjuga os termos do desenvolvimento, as possibilidades do corpo e as determinações da época. Comporta, também, as diferenças de cultura e os efeitos da divisão de classes e de marcadores como raça, gênero e deficiência no interior de uma mesma cultura. (Katz, 2019, p. 95)

Nesse sentido, a infância se realiza no campo político, pois faz sua ocupação nos espaços públicos e privados. É a pólis que deverá se ocupar de organizar e traçar os rumos da infância, e a criança responderá a isso. Não se faz sujeito fora do laço social, e a criança responde do lugar reservado à infância em nosso tempo; é desse significante e do lugar que lhe é atribuído que poderá recusar e/ou confirmar. Como elabora Sauret:

Trata-se de uma resposta do real ao significante — quer ela seja feita de aceitação ou de recusa, o sujeito surge como consequência, levando a marca dessa recusa ou dessa aceitação: não há sujeito fora da linguagem, mesmo que todo “o real do sujeito” não passe ao significante. (Sauret, 1989/1998, p. 16)

Das inquietações do ser: quem sou? — à maneira da máquina de costura e do guarda-chuva sobre a mesa de operações, do encontro impossível entre os sexos, no qual se produzem novos seres, mas que fracassa em resolver o mistério de sua origem. O que pode resultar do encontro entre o analista, a criança e a máquina de escrever? Quem sabe a possibilidade de recusar a nomeação de uma identidade imposta pelo Outro, a partir de um conjunto de sintomas generalizantes, como TEA, TOD, TDAH. Afinal, são as próprias crianças que fazem o furo no laço social homogeneizador, séptico e medicamentoso, as que desvelam o véu dos ideais.

Assim, experimentam as duras teclas do *touch* de Bambina O., a pequena máquina de escrever. Uma das crianças que caminha em sua análise se arrisca a escrever: “Meu nome é ‘Júlia’,³ tenho 10 anos. Parei de aprender matemática no quarto ano.” E, a partir do significante “quarto”, pode deslizar por esse nome e dizer de suas dificuldades de compreender as matemáticas e as contas impossíveis. Assim como na história de *O mágico de Oz*, “Dorothy” também foi levada de casa por um furacão, encaminhada com possível diagnóstico de TEA. “Dorothy”,

3 Os nomes de todas as crianças mencionadas neste artigo são fictícios e foram alterados para garantir a proteção de suas identidades, em conformidade com os princípios éticos de confidencialidade.

então, começou a escrever uma história da menina que morava sozinha na floresta, cuidada por um lobo e chamada de estranha e esquizofrênica. Ela guarda um segredo. Diante de sua fúria escrevente, ganhou sua própria máquina de escrever. Já “Penélope” fez uma coleção de pequenos livros sobre sua personagem “Lara”: aventureira e que busca esclarecer mistérios. Já escreveu a saga em busca dos pais verdadeiros e agora escreve o sanguinário “a família misteriosa”.

“Thor”, com 8 anos, chegou ao consultório aos 5 anos, já com o diagnóstico de TOD (transtorno opositivo desafiador), e frequentemente se questionava se sua aparência era mais próxima da de uma menina do que da de um menino. Embora soubesse que era menino, sempre que se olhava no espelho do consultório, dizia: “Me pareço com uma menina.” Pegou a máquina quando soube como havia nascido. Nesse dia, chegou ao consultório transtornado e disse: “Eu achava que tinha sido cagado. Que havia saído do bumbum da minha mãe.” Escreve:

Era uma vez um menino chamado Henrique e de sua fiel escudeira. Bom, para começar Henrique já vai fazer uma década de vida. E nesses quase 10 anos já viveu muitas aventuras. Uma de suas últimas descobertas sshhh (é segredo); quem sabe até eu conto. Mas adiantado o assunto, Henrique descobriu o grande mistério, o enigma que atormenta todas as crianças. De onde vem os bebês? Eu tinha muitas teorias de como a gente chegava ao mundo/onde vinha os bebês. A primeira teoria era que os pais mandavam um WhatsApp ou e-mail para as cegonhas e elas traziam um bebê e eles sopravam um pozinho mágico que fazia a barriga da mulher crescer. (Thor, comunicação pessoal, 2023)

“Thor” organiza em capítulos as histórias que quer escrever; entre eles, há um que se chama “Desafio das descobertas”. Já “João” chega trazendo algo que não sabe — mas, de algum modo, sabe — e, para dizer isso, faz seu sintoma na forma de uma inibição intelectual. Um dia, na sessão, se põe a escrever:

Tchubirubi tem 12 anos. Está entrando na adolescência robótica. Tchubirubi se construiu a partir dos restos, do lixo humano. Tchubirubi não é mau, ele só se defende, quando necessário. Tchubirubi consegue retornar a sua forma corporal, ou se transforma em qualquer outra coisa mesmo depois de sofrer um ataque. (João, comunicação pessoal, 2024)

Sauret (1989/1998) escreve que as crianças não podem escolher os lugares que lhe são impostos socialmente, mas podem escolher suas respostas. Ele também nos lembra que a criança pode responder desse lugar de atribuição, não se redu-

zindo aos significantes que vêm do Outro. Lacan, em seu *Seminário 4*, formula: “O ponto a que chegamos agora com um certo deslizamento, quase que devemos nos referir, o que acontece de vez em quando, à criança que diz ‘o rei está nu’. Essa criança será uma idiota? Será um gênio? É malandrinha? É feroz? Ninguém jamais vai saber. Com certeza é alguém bastante liberador” (Lacan, 1956-1957/1995, p. 33). O encontro do analista com sujeitos crianças pode ser do possível e não do impossível da complementariedade, para que, a partir da secção, do furo, possa escrever seus próprios nomes.

Referências bibliográficas

- Katz, I. (2019). Infâncias: uma questão para a psicanálise. In T. Surjus & M. A. Moysés (Orgs.), *Saúde mental infantojuvenil: territórios, políticas e clínicas de resistência* (pp. 85-97). Unifesp/Abrasme.
- Katz, I. (2021). O recurso à criança para dizer o indizível. *Lacuna: uma Revista de Psicanálise*, (11), 5. Recuperado de <https://revistalacuna.com/2021/07/20/n-11-05>
- Lacan, J. (1995). *O seminário, livro 4: a relação de objeto*. Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1956-1957)
- Lacan, J. (2004). Homenagem a Lewis Carroll. *Ornicar?*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, (1), 7. (Trabalho original transmitido em 31 de dezembro de 1966, pela France Culture, como parte do programa de Jacques Brunius “Lewis Carroll”)
- Lacan, J. (2009). *O seminário, livro 1: os escritos técnicos de Freud*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1953-1954)
- Lefort, R. (1991). Introdução à jornada de estudos do CEREDA. In J. Miller (Org.), *A criança no discurso analítico* (pp. 13-14) (D. D. Estrada, Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1983-1988)
- Quinet, A. (2003). *Teoria e clínica da psicose*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Sauret, M.-J. (1998). O infantil e a estrutura (S. Sobreira & C. Khalifeh, Trad.). Escola Brasileira de Psicanálise. (Trabalho original publicado em 1989)
- Soler, C. (2007). *O inconsciente a céu aberto da psicose*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Soler, C. (2018). O que resta da infância (E. Sapoti, Trad.). São Paulo: Escuta. (Trabalho original publicado em 2012)

Recebido: 30/04/2024

Aprovado: 13/05/2024